



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA (UNILAB)
INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO RURAL (IDR)
BACHARELADO EM AGRONOMIA

LARA LOUISE DE SOUZA DA SILVA

**FEIRA AGROECOLÓGICA DA UNILAB-CE:
POTENCIALIDADES E DESAFIOS.**

REDENÇÃO – CEARÁ

2021

LARA LOUISE DE SOUZA DA SILVA

**FEIRA AGROECOLÓGICA DA UNILAB-CE:
POTENCIALIDADES E DESAFIOS.**

Capítulo de Livro apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharela em Agronomia na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB – Campus do Ceará.

Orientador: Prof. Dr. Joaquim Torres Filho.

REDENÇÃO- CE

2021

LARA LOUISE DE SOUZA DA SILVA

**FEIRA AGROECOLÓGICA DA UNILAB-CE:
POTENCIALIDADES E DESAFIOS.**

Capítulo de Livro apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharela em
Agronomia na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira,
UNILAB – Campus do Ceará.

Data da aprovação: 29/03/2021

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Joaquim Torres Filho (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB



Prof. Dr. Ciro de Miranda Pinto

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB



Profª. Drª. Eveline de Aquino

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. A FEIRA AGROECOLÓGICA NA UNILAB – CEARÁ (FAUC)	6
2.1 PRODUTORES AGROECOLÓGICOS DA REGIÃO DO MACIÇO DE BATURITÉ	7
2.2 A FAUC COMO UMA FERRAMENTA ECO-PEDAGÓGICA	8
3. REFERENCIAL TEÓRICO	9
3.1 A REVOLUÇÃO VERDE QUE IMPULSIONA A PRODUÇÃO AGRÍCOLA E REPRIME A DIVERSIDADE AMBIENTAL, SOCIAL E ECONÔMICA	9
3.2 A AGROECOLOGIA BENEFICIA A SEGURANÇA ALIMENTAR E A PLURIATIVIDADE AMBIENTAL, SOCIAL E ECONÔMICA	11
4. METODOLOGIA	12
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES	13
3. CONCLUSÕES.....	16
REFERÊNCIAS.....	18

RESUMO

As feiras como ambientes de comercialização, proporcionam ofertas de produtos saudáveis e artesanatos oriundos da pluriatividade na agricultura familiar. Este trabalho aborda um panorama geral da Feira Agroecológica da UNILAB – Ceará, em que se apontam potencialidades e limitações presentes na feira, construindo percursos possíveis de trânsitos agroecológicos na região do Maciço de Baturité. Através de um trabalho de campo que consistiu em observação participante e entrevistas, que propiciaram trocas de aprendizado, promovendo esta ação enquanto um território eco-pedagógico. De acordo com os resultados obtidos, observa-se a importância da feira e um grau positivo de satisfação, pois vem trazendo benefícios notáveis aos produtores participantes, além de promover as trocas que transversalizam os diversos saberes. Dentre as principais dificuldades citadas pelos produtores, o local em que a feira é realizada, dentro da Universidade, pode ser identificado como uma problemática. Desse modo se faz necessário o exercício de pensar em uma feira sem fronteiras, saltando os muros para criar um plano ecológico onde não há separabilidade com natureza.

Palavras-chave: Agroecologia. Comercialização. Sustentabilidade.

ABSTRACT

Fairs as marketing environments, offer healthy products and handicrafts from pluriactivity in family farming. This work approaches a general panorama of the Agroecological Fair of UNILAB - Ceará, in which potentialities and limitations present in the fair are pointed out, building possible routes of agroecological transits in the Maciço de Baturité region. Through fieldwork that consisted of observation and identification, which promoted exchanges of learning, promoting this action as an eco-pedagogical territory. According to the results obtained, it is possible to observe the importance of the fair and a positive degree of satisfaction, as it has brought notable benefits to the participants, in addition to promoting exchanges that cross the different knowledge. Among the main difficulties mentioned by the producers, the location where the fair is held, within the University, can be identified as a problem. Thus, the exercise of thinking about a fair without borders is necessary, jumping over the walls to create an ecological plan where there is no separability with nature.

Keywords: Agroecology. Commercialization. Sustainability.

1. INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho se debruça em apresentar um panorama da Feira Agroecológica da UNILAB – Ceará (FAUC), ressaltando a importância deste evento transitando entre limites e potencialidades contemporâneas, ao passo que exemplifica a importância da propagação dos ideais agroecológicos dentro e fora do âmbito acadêmico.

As feiras como ambientes de comercialização, proporcionam ofertas de produtos saudáveis e artesanatos oriundos da pluriatividade na agricultura familiar. Essa modalidade de feira cria uma rede de relações que envolvem um conjunto de saberes e práticas voltadas à produção do campo, promovendo segurança alimentar e nutricional, contribuindo para o fortalecimento, a existência e a permanência das Feiras Agroecológicas e Solidárias em que beneficiam os envolvidos de diversas maneiras.

O processo de comercialização na agricultura familiar é ainda muito rudimentar, principalmente face aos atravessadores. Uma saída para minimizar esta situação é a oportunidade do agricultor comercializar sua própria produção.

As Feiras Agroecológicas e Solidárias são territórios de afetos, em que produtores familiares e artesãos comercializam produtos agroecológicos, de maneira direta, garantindo assim uma alimentação saudável e a geração de renda da agricultura familiar.

Nesse sentido, podemos apontar que a Feira Agroecológica e Solidária é uma atividade emancipadora, coletiva e participativa, que produz autonomia e trânsito entre os mais diversos territórios rurais e urbanos. Proporciona um pensamento ecológico que envolve, meio ambiente, os ideais de sustentabilidade, responsabilidade social, produção e consumo consciente, por meio de trocas de afetos e experiências entre os seus participantes, agregando valor ao processo de produção e comercialização como um todo, valorizando assim o agricultor familiar.

As vendas acontecem por meio de uma relação direta, ou seja, cadeias produtivas curtas nas quais o produtor agroecológico ao mesmo tempo é vendedor, proporcionando um contato mais próximo com os consumidores, que envolve a negociação e a venda direta de seus produtos. Eliminando assim possíveis intermediários, estando na linha de frente junto aos consumidores.

Para Cazane e Machado (2010) as feiras facilitam o acesso dos agricultores a geração de renda para compra de produtos de consumo familiar, sendo considerada uma importante política distributiva. Fazendo com que o dinheiro da população circule e permaneça dentro da localidade, fortalecendo assim a economia local e conseqüentemente seu desenvolvimento.

O negócio com base na feira agroecológica perpassa transversalmente os limites da produção e comercialização, levando o agricultor ao centro das atenções ao colocá-lo na linha de frente com os consumidores. Assim, a relação entre segurança alimentar e nutricional e a inserção da agricultura familiar nos mercados de produtos agroalimentares é de suma importância, pois promove equidade social, desenvolvimento socioeconômico territorial, oferta de alimentos de qualidade e garantia de renda das famílias (MALUF, 2004).

Foi realizado um trabalho *in loco*, de observação participante e entrevistas com produtores e consumidores desta feira.

Tomando como mote, saberes e práticas agroecológicas, esta pesquisa procurou estudar o clima organizacional na Feira Agroecológica realizada no Campus das Auroras na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) – Ceará.

Uma feira agroecológica não é somente uma feira em si, mas um ambiente fraternal, de potencial cultural rico. Além de proporcionar a importância devida do profissional do campo, valorização da agricultura camponesa, é uma ferramenta de luta e de empoderamento rural.

Esta feira vem servindo de alternativa para escoamento e meio de divulgação de produtos agroecológicos, assim como propõe difundir os ideais da economia solidária dentro deste espaço, além de proporcionar aos produtores agroecológicos um espaço para a comercialização de seus produtos, trazendo a valorização e o pagamento justo.

Entretanto, a FAUC acontece dentro de um espaço acadêmico, desta forma acaba trazendo um caráter limitante no que diz respeito a presença e circulação de um possível público consumidor, fazendo desta feira um espaço de ocupação para poucos. O que pode ser um indicativo de que o espaço da FAUC seja um dos pontos a serem discutidos neste trabalho.

2. A FEIRA AGROECOLÓGICA NA UNILAB – CEARÁ (FAUC)

A FAUC é um evento realizado dentro da Universidade e ocorre uma vez ao mês, podendo acontecer edições especiais durante alguns outros eventos universitários. Ela tem como principal objetivo estimular hábitos de alimentação saudável com o consumo de alimentos não nocivos à saúde e a natureza e potencializar a importância do fortalecimento da economia dos pequenos produtores agroecológicos familiares locais na região do Maciço de Baturité.

A UNILAB é uma instituição Federal de ensino superior que tem sua sede na cidade de Redenção, localizada no Maciço de Baturité, macrorregião do Estado do Ceará, contando

com quatro campi universitários divididos entre Ceará e Bahia. Os campi localizados no Ceará são: Campus da Liberdade com sede no centro da cidade de Redenção; Campus das Auroras localizado no Conjunto Antônio Bonfim, também em Redenção; e o Campus dos Palmares, que fica na entrada da cidade de Acarape. No Estado da Bahia, se encontra o Campus dos Malês, localizado em São Francisco do Conde na Região Metropolitana de Salvador.

A FAUC faz parte do “Projeto Feiras” que é um projeto de extensão da Incubadora Tecnológica de Economia Solidária (INTESOL), realizado em conjunto com os grupos produtivos da Rede de Arte Cultura e Agricultura Familiar (RACAF). Os eventos também contam com o apoio da Pró-reitoria de Extensão, Arte e Cultura (PROEX), do Instituto do Desenvolvimento Rural (IDR) e muitos outros atores da comunidade acadêmica da UNILAB.

Esta feira ocorre desde 2017, inicialmente realizada no Campus da Liberdade. Em 2019 o evento passou a ser realizado no Campus Auroras, onde conta com um pátio de espaço mais amplo e uma maior circulação de professores e estudantes de toda a comunidade acadêmica durante seu horário de funcionamento.

O “Projeto Feiras”, como aponta Sousa et al. (2020) possui como objetivo ser um “instrumento de consolidação e impulsão da inclusão produtiva, produção agroecológica” na Região do Maciço de Baturité no que tange o “consumo ético e a economia solidária, além da troca de saberes de produtores e consumidores [...] congregando empreendimentos de produção agrícola da agricultura familiar, como confecção e artesanato”, de modo que, agricultores e artesãos participantes da feira possuam cadastro ativo na INTESOL e são monitorados e acompanhados, para a comprovação de suas produções agroecológicas.

2.1 PRODUTORES AGROECOLÓGICOS DA REGIÃO DO MACIÇO DE BATURITÉ

Estes produtores são todos naturais dos diversos municípios da região do Maciço de Baturité, como: Baturité, Capistrano, Aracoiaba, Redenção, Barreira, Acarape, Pacatuba e Guaiúba.

Dos produtos expostos para venda, que vão desde frutas, verduras, legumes, pães, bolos até artesanatos, como acessórios para casa, entre outros, os mais vendidos, segundo os produtores, são, as hortaliças, ovos, café, mel, os doces, cajuína, farinha de banana, frutas como seriguela, coco, graviola e tomate.

As famílias que comercializam seus produtos na FAUC relatam ter a preocupação e consciência de produzir de forma limpa sem o uso de fertilizantes e/ou agroquímicos, sem

práticas de queimadas ou qualquer prática de cultivo e criação animal que sejam prejudiciais à natureza e à saúde.

Alguns produtores agroecológicos entendem sua participação na feira como uma oportunidade de escoamento de suas produções sustentáveis, sentindo-se valorizados por seu trabalho, recebendo uma remuneração financeira mais justa pela qualidade de seus produtos. Para eles, a comercialização direta de seus produtos na feira, sem passar pelo intermédio de atravessadores, é responsável pela remuneração financeira justa de seu trabalho. Essa venda direta acaba sendo também uma vantagem para os compradores, que podem ter a oportunidade de negociar os valores dos produtos diretamente com os seus comerciantes e fabricantes, sabendo também a origem e a forma de manejo dos alimentos.

2.2 A FAUC COMO UMA FERRAMENTA ECO-PEDAGÓGICA

Outro ponto já citado sobre as feiras é a potencialidade da transversalização de saberes acadêmicos e outros saberes que faz da feira um lugar de encontros entre os produtores e estudantes, principalmente no contato direto com o curso de Agronomia que está localizado no mesmo campus em que acontece a FAUC. A feira acaba tendo também a função de uma espécie de laboratório de comercialização, para que os discentes do curso de Agronomia possam aprimorar seus conhecimentos, vivenciando aspectos práticos em sua plenitude. Os estudantes têm a oportunidade de desenvolver atividades teóricas e práticas para além do conteúdo programático previsto nas disciplinas. Esse exercício cria uma zona de deslocamento em que a feira passa a ser também um território de trocas de saberes não tão distante da sala de aula.

Outro aspecto é que os estudantes também têm a oportunidade de participar da feira não apenas como espectadores, mas também como consumidores. Esta forma ativa de inserção traz muitos benefícios aos estudantes, como a oportunidade de acompanhar a realidade dos agricultores, ouvir e conversar sobre suas experiências práticas.

Todos os agricultores que comercializam na feira são também produtores, e demonstram bastante interesse em técnicas alternativas de manejo ao passo de se sentirem motivados a compartilhar conhecimentos práticos e teóricos, sobretudo saberes ancestrais.

Enquanto a pesquisa era realizada, uma produtora proporcionou um diálogo sobre a receita de como fazer a farinha de banana, ensinando todas as etapas para a fabricação e processamento deste produto. Este feito pode exemplificar o viés colaborativo dentro da pesquisa, trazendo um protagonismo e troca de aprendizagem mútua.

“A agroecologia busca resgatar no agricultor sua condição de sujeito social, pois, se no modelo de agricultura vigente, ele e sua família são um mero produtor de matéria-prima bruta, um fornecedor de mão-de-obra barata, um consumidor de insumos agropecuários industrializados, no processo da agroecologia eles têm a possibilidade de dominar o processo na sua integralidade, desde a produção, transformação, armazenamento, até a comercialização, restabelecendo sua relação com o consumidor” (KARAN; ZOLDAN, 2003, p. 07).

A feira agroecológica proporciona a vivência e a capacidade multidimensional que o tema agroecologia em si, carrega. Mostrando todos os benefícios e desafios diversos dentro de um só tema que carrega diversas outras temáticas.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Como este trabalho apresenta um panorama da FAUC, se fez necessário criar um ambiente que dialogasse sobre características e diferenças entre a agricultura convencional, que se deu a partir da Revolução Verde, entre as décadas de 60 e 70, e que foi introduzido no Brasil como um modelo hegemônico no campo da agricultura; e a importância do Movimento Agroecológico não apenas como manejo agrícola alternativo, mas também como um modo de vida que cria possibilidades de relações ecológicas e de práticas sustentáveis. Para tanto, estaremos trazendo autores que ajudam no embasamento desta discussão teórica.

3.1 A REVOLUÇÃO VERDE QUE IMPULSIONA A PRODUÇÃO AGRÍCOLA E REPRIME A DIVERSIDADE AMBIENTAL, SOCIAL E ECONÔMICA

A chegada da chamada Revolução Verde, pós cenário da Segunda Guerra Mundial, tinha como base o aumento da produção agrícola se utilizando de pacotes tecnológicos para suprir as necessidades alimentares da população que cada vez mais aumentava, fazendo crescer também a fome. Lutzemberger (2001) afirma que a intenção era acabar com a fome da população mundial, utilizando-se das mais modernas e variadas tecnologias, como maquinários e implementos agrícolas, promovendo uma mecanização das lavouras, uso intensivo de insumos químicos e variedades de plantas geneticamente melhoradas. Conforme cita o autor, toda essa especulação sobre a implementação destes pacotes colados a esse discurso de desenvolvimento e progresso de salvar a população mundial da fome, não passava de uma grande falácia, pois, nesse discurso repleto de contradições indica que a intenção real seria a de promover a mesma lógica do sistema colonial, que se baseia em criar uma relação de dependência e extração, tendo em vista que a agricultura campesina diversificada até então vigente no Brasil não era tão interessante assim para os planos do momento.

Então, a ideia era fazer com que as grandes monoculturas fossem instaladas, criando assim uma relação de dependência destes insumos, acabando assim com a autonomia agrícola produtiva do país.

“No Brasil, a partir de meados da década de 1980, com a inviabilização dos subsídios ao crédito, tornam-se gradativamente mais visíveis as consequências menos gloriosas do padrão de agricultura introduzido com a Revolução Verde. A contestação à agricultura e às formas de organização produtivas oriundas desse ideário traz em seu rastro uma série de manifestações sociais que passam a adquirir crescente importância e legitimidade nos anos mais recentes.” (ALTIERI, 2004, p. 07).

De acordo com Nunes (2007) a intensificação do modelo convencional agrícola e econômico dentro do sistema no qual conhecemos é responsável por estar cada vez mais prejudicando a biodiversidade, reduzindo a qualidade e disponibilidade de água, comprometendo a qualidade do ar e dos alimentos produzidos, acarretando os crescentes problemas fitossanitários que aparece devido o desequilíbrio ecológico causado pelo uso indiscriminado dos agrotóxicos.

Este modelo convencional de produção ao longo dos anos acarretou problemas diversos como graves desequilíbrios ambientais, problemas sociais e econômicos. Além de, atualmente, já se ter conhecimento da relação do uso desses insumos químicos a uma série de doenças graves humanas, como alterações genéticas, os mais diversos tipos de câncer, além de contaminações no solo e na água. Tais perigos à saúde que não estão só ligados ao consumo dos alimentos oriundos deste sistema convencional, mas também no manuseio contínuo dos produtos utilizados.

“Efetivamente, atualmente se tornou imprescindível refletir em termos ecológicos e ambientais não como uma nostalgia do passado, senão, ao contrário, como uma maneira mais realista de privilegiar o longo prazo e de construir formas alternativas de desenvolvimento.” (CAPORAL; COSTABEBER, 2004, p. 28).

Estamos vivenciando um período crítico no qual a nossa alimentação está no foco das discussões, tanto pelos impactos ambientais causados em sua produção como pelas possíveis nocividades a curto e longo prazo de um alimento carregado de produtos químicos ao nosso corpo. Desta forma, com o passar dos anos, a busca por uma alimentação limpa, livre de agroquímicos com produções sustentáveis tem se tornado um tópico emergente.

3.2. A AGROECOLOGIA BENEFICIA A SEGURANÇA ALIMENTAR E A PLURIATIVIDADE AMBIENTAL, SOCIAL E ECONÔMICA

Se tratando do cenário pandêmico atual, ora vivenciado, segundo dados da Food and Agriculture Organization (FAO) (2020), a pandemia do coronavírus tem tido efeitos catastróficos sobre as atividades do sistema alimentar, tanto na produção, como, também comercialização, distribuição e consumo. Sendo levado em conta principalmente o aumento nos preços dos produtos, os elevados valores que chegam às prateleiras que vêm desde o aumento no valor dos insumos para produção, já que existe uma grande dependência de insumos externos, trazendo riscos em termos de aumento de insegurança alimentar e queda no bem-estar social, levando milhões de pessoas a situação de pobreza extrema e fome.

Deste modo, a agroecologia surge como uma alternativa viável não só de produção, mas de relação respeitosa e menos nociva entre o ser humano e a natureza. Os princípios agroecológicos e o manejo integrado dos recursos disponíveis demonstram a possibilidade de construção de uma economia mais equilibrada, mais justa e produtiva, fundamentada na diversidade biológica da natureza e na riqueza da cultura popular (LEFF, 2002). Levantando a necessidade de uma maior atenção para a agroecologia, como uma oportunidade de melhoria não só econômica no modo de vida de quem produz, mas trazendo benefícios para toda uma rede comunitária.

Nessa relação é possível ter informações importantes sobre um determinado produto, como: quem produziu, como foi produzido e de onde veio o alimento que será consumido, ou seja, o rastreamento do alimento do campo até a comercialização. Nesse contato direto com os produtores cria-se assim um encurtamento na cadeia de comercialização, proporcionando trocas de saberes, e a possibilidade de entender a feira como uma rede agroecológica de afetos.

Segundo Altieri (2004) a agroecologia fundamenta-se em diversas técnicas e metodologias que integram os princípios agronômicos, ecológicos e socioeconômicos. Entendendo assim que um pensamento agroecológico não está apenas em não se utilizar o modo convencional, com venenos e práticas destrutivas a natureza. Não está inserida somente na forma com a qual se produz alimentos, mas também as relações estabelecidas dentro desse sistema produtivo, que vão desde as práticas de cultivo, as relações pessoais, relação com a natureza, relação com a terra, até mesmo a sua forma de distribuição, comercialização e consumo. Em outras palavras, esse modo de produzir alimentos está ligado diretamente a uma relação com o planeta. De maneira respeitosa em que se investe nas composições com a natureza que produz vida em todas as coisas.

A agroecologia enquanto modo de vida, traz consigo a ideia das múltiplas possibilidades, de uma convivência mais pacífica com o meio ambiente, ou seja, promovendo a construção de uma relação de troca e respeito com a terra. Para além de uma forma de produção sustentável.

Nas práticas agroecológicas estão inseridas também questões de dimensões sociais, econômicas e até mesmo de saúde pública. Diferente de um modo de vida que a priori está mais preocupada com o capital financeiro do que com a vida, em que o mais importante são as oportunidades de negócios, que podem beneficiar apenas um pequeno grupo, e que é excludente a uma vida coletiva, e que ao final acaba imprimindo em campanhas publicitárias a ideia de que o “agro é pop”.

4. METODOLOGIA

A presente pesquisa fez parte do cronograma de atividades e ações do Núcleo de Estudos em Agroecologia e Produção Orgânica do Maciço de Baturité - NEA. De natureza situada e participante, foi realizada na FAUC, Campus Auroras, no dia 20 de novembro de 2019, no município de Redenção - CE, localizado no Maciço de Baturité.

Para o desenvolvimento deste trabalho, foram aplicados dois questionários, visando diferentes públicos, um direcionado aos produtores agroecológicos e outro direcionado aos consumidores presentes na feira. Questionários de entrevistas semiestruturados com perguntas objetivas, compostos por 9 questões, cada. Foram entrevistados cerca de 12 produtores agroecológicos (agricultores e agricultoras, e artesãos, do rural e da cidade) e 20 consumidores (discentes, técnicos, docentes e auxiliares etc.) no período de 9:15h às 11:30h da manhã.

No questionário voltado aos produtores, procurou-se reunir dados em relação ao grau de satisfação quanto à estrutura da feira, comercialização, organização, dificuldades e desafios encontrados na feira, possíveis sugestões de melhorias, tipos de produtos que mais vendiam, entre outros. Já no questionário aplicado aos consumidores as perguntas circulavam em torno da frequência de participação nas edições da feira, do grau de satisfação dos alimentos e produtos expostos para venda, dos valores, da credibilidade da qualidade dos alimentos, quanto à divulgação do evento, entre outras perguntas. Os dados percentuais de acordo com as respostas e o número de participantes foram tabulados através das análises descritivas.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme os dados levantados nessa edição, os produtores da FAUC demonstram credibilidade na feira, para divulgação dos seus produtos e valorização do seu trabalho na região. Nesse mesmo contexto, os consumidores apontaram que a FAUC é considerada um espaço de fácil acesso a alimentos saudáveis e práticas sustentáveis.

De acordo com os dados levantados a partir dos questionários aplicados (entre comerciantes e consumidores), citam-se os aspectos mais relevantes que resultaram esta pesquisa. É importante lembrar que todos os produtores na FAUC são também comerciantes.

Com os questionários aplicados especificamente nesta edição da FAUC, foi possível medir o grau de satisfação que atribuía e avaliava a feira em notas de 1 a 5 (5 - excelente, 4 - ótimo, 3 - bom, 2 - regular e 1 - péssimo). Os participantes que compõe um grupo de produtores da FAUC, responderam de forma colaborativa, de modo que, 50% apontaram que a realização da feira é excelente (atribuídos a nota 5) e de grande importância para a região. Os outros 50% concordaram que a feira é boa (atribuídos a nota 3), pois possibilita oportunidades maiores de exposição e comercialização de seus produtos.

Segundo relato dos produtores nessa edição da FAUC ocorrido no mês de novembro de 2019 e que se fazem presentes nesta pesquisa, a feira conta com um número total de aproximadamente 15 comerciantes, entre agricultores, agricultoras e artesãos. Foi comentado também que esse número sofre variações a cada edição da FAUC, que pode tender para mais de 15 ou menos.

Em relação a incentivos destinados aos produtores da FAUC, a INTESOL oferece para alguns agricultores o traslado de mercadorias, porém devido a fatores econômicos da Universidade não se pode ofertar transporte para todos os produtores, sendo assim, a falta deste apoio, um dos principais fatores que influenciam na ausência de alguns produtores que residem muito distante do local de realização da FAUC, impossibilitando assim, a participação e oferta de produtos em todas as edições realizadas na feira. Desta forma, levando em conta toda a dificuldade, principalmente com a mobilidade por parte desse grupo de produtores (comerciantes), não é exigida uma frequência assídua pelos organizadores da FAUC.

Dentre as principais dificuldades citadas pelos produtores, o local em que a feira é realizada, dentro dos muros da Universidade, pode ser identificado como uma problemática. A feira sendo realizada no interior da Universidade acaba gerando um problema citado de maneira unânime pelos participantes, pois só oferta mercadoria naquele espaço restrito impossibilitando a comercialização para um público mais amplo, o que restringe a oferta para

um grupo específico, ocasionando poucas vendas ou até mesmo apodrecimento de produtos perecíveis, acarretando prejuízos para alguns agricultores. Tal fato necessita passar por uma reflexão dos organizadores e feirantes ante a possibilidade de superar esse desafio, pensar em formas de trazer o público não acadêmico, ou formas de levar a feira aos espaços não limitados como acadêmicos, principalmente para os possíveis consumidores locais.

Com relação às entrevistas feitas com o público consumidor, a feira possui uma excelente avaliação no quesito grau de satisfação por mais de 50% dos entrevistados. Quando questionados sobre o tempo de consumo de produtos agroecológicos, 60% relataram que já consomem de 2 a 7 anos, ou seja, a maioria que consome já tem um histórico de procura por este tipo de alimento, enquanto 40% consomem a menos de um ano. Destes 40%, 20% consomem após a chegada da feira na Universidade, atribuindo assim a mudança em seu estilo de vida e relação com alimentação saudável ao início da feira.

Segundo os consumidores da FAUC, os pontos mais positivos citados são: o privilégio de ter acesso a alimentos saudáveis que promovem uma melhoria na qualidade de vida e a oportunidade do acesso a alimentos que não causam degradação ambiental. Sendo um tipo de feira específica, voltada à venda de produtos agroecológicos, a frequência participativa dos consumidores é de extrema importância, neste caso, 100% dos entrevistados estão presentes mensalmente nas edições realizadas. Com relação aos preços, 50% acreditaram serem valores ótimos e 50% acharam bons, porém, afirmam que alguns produtos específicos apresentaram valores com preços mais elevados. Os entrevistados acreditam serem valores acessíveis e que valem à pena levando em consideração a qualidade dos produtos.

Os produtos que não recebem certificação e ainda sim são ofertados na feira são acreditados como produtos agroecológicos, produzidos dentro dos parâmetros de alimentos limpos de agroquímicos e livres de práticas de intensa degradação. Os consumidores majoritariamente atribuem esta confiança dando credibilidade aos responsáveis pela organização da feira e pela qualidade dos produtos ofertados, demonstrando-se satisfeitos com a realização da feira, no geral.

Com relação ao conhecimento sobre a ocorrência da feira, 50% dos entrevistados tiveram ciência pela internet, via redes sociais e 50% por amigos, através da propaganda boca a boca. No que diz respeito a divulgação do evento, todos entrevistados acreditam que possa haver melhorias no sistema de divulgação da realização. Também concordam com os produtores no que diz respeito à realização da feira em um local mais acessível a comunidade da cidade de Redenção, fora do território da Universidade, atraindo mais visibilidade, se possível.

Entendendo que a feira é um lugar aberto e de encontros plurais, atualmente os únicos consumidores presentes na FAUC são membros da comunidade acadêmica, em sua grande parte, os universitários. Desse modo, o que se percebe é que um dos gargalos da FAUC é que esta conta atualmente com um público restrito e limitado de participantes consumidores, abarcando apenas a comunidade acadêmica (discentes, docentes, servidores e terceirizados).

Diante dessas questões, como criar meios para que FAUC pudesse alcançar um maior número de participantes, criando assim uma rede ampla que possa investir nas relações e abarcar um maior número de pessoas, entre produtores, artesãos, produtos e consumidores, promovendo assim um maior alcance de participantes, que não se fixa apenas em uma relação comercial, mas que também seja promotora de trocas, entre saberes e práticas alimentares saudáveis a partir de um modo de vida agroecológico, e que estão presentes nesse tipo de feira?

Entre as sugestões de ações de melhorias dadas pelos próprios produtores a serem implantadas na feira seria a mudança do local para um espaço público, que acontecesse fora dos muros da Universidade, como por exemplo, a realização e organização em praça pública. Uma feira orgânica/agroecológica aberta, acessível ao público em geral, agregando assim, não só o público acadêmico, mas também trazendo oportunidade de ampliação a rede de integração, consumo e conscientização, principalmente ao que se refere à segurança alimentar e nutricional da população da cidade de Redenção - CE.

Realizar a feira fora da universidade seria uma oportunidade para o crescimento e sustentabilidade do empreendimento. Outro fator importante que fora relatado, não só pelos produtores como também pelos consumidores, seria sobre uma proposta de ampliação referente aos veículos de divulgação da feira agroecológica, que conta atualmente apenas por via virtual, ou seja, internet e por meio de alguns aplicativos de redes sociais, como Instagram e WhatsApp, o que também acaba restringido o alcance de outros públicos que não fazem uso das redes sociais como comunicação social.

Desta forma, os produtores poderiam agregar valor e vender fora de sua localidade, colaborando assim com o fortalecimento da integração da comunidade acadêmica e não acadêmica, bem como estreitando a relação entre produtores, produtoras e artesãos da região. Observa-se a importância da feira e um grau positivo de satisfação, pois vem trazendo benefícios notáveis aos produtores participantes, além de promover as trocas de experiência que transversalizam os diversos saberes. Esse exercício ensaia o que a própria feira produz enquanto uma ferramenta eco-pedagógica, ou seja, assinala a FAUC como um território também de educação ecológica.

A título de informação e para ilustrar, é importante apontarmos neste trabalho a existência de outras feiras agroecológicas que acontecem no Estado do Ceará e que já são consolidadas, como por exemplo, a Feira Orgânica do Mercado dos Pinhões e a Feira Agroecológica do Benfica que acontecem na cidade de Fortaleza e são organizadas pela Associação do Desenvolvimento da Agropecuária Orgânica (ADAO), a Feira da Associação Cristã de Base (ACB) no município do Crato, a Feira Agroecológica e Solidária do Centro de Estudos do Trabalho e Assessoria ao Trabalhador (CETRA), presente em diversos municípios do Ceará, dentre outras que ocorrem em diversas localidades do Estado. Estas feiras normalmente estão localizadas em espaços urbanos, entre ruas e praças, o que amplia a circulação de produtos e participantes, impactando inclusive na rede de divulgadores e seguidores em redes sociais. Além de promover novos hábitos, outras ocupações em espaços públicos, contando com participantes assíduos. Essas feiras trazem um traço de evento local que junta pessoas das mais diversas proveniências, aproxima territórios rurais e urbanos, facilitando o acesso de produtos agroecológicos, gerando viabilidade e visibilidade dessa rede solidária e ecológica.

6. CONCLUSÕES

De acordo com a pesquisa realizada nota-se que a execução da FAUC é de grande importância para a comunidade acadêmica, como também para os comerciantes participantes. Mesmo com alguns desafios enfrentados pelos produtores, como algumas problemáticas na localização, divulgação e falta de diversidade do público, pode-se observar o seu grande potencial e os benefícios agregados na realização do evento.

Quanto ao aspecto de divulgação, o que se nota é que não existe uma campanha efetiva de marketing para divulgar o evento, muito embora exista um compartilhamento da FAUC via redes sociais. A proposta dos participantes de levar a feira para fora dos muros da academia poderia contribuir de forma efetiva como ferramenta de divulgação e consequentemente como iniciativa para o aumento do público participante, em especial consumidores potenciais.

No geral, com os resultados apresentados podemos concluir que apesar de alguns fatores limitantes a FAUC funciona como um espaço participativo, justo e solidário de oferta de alimentos agroecológicos, instrumento de empoderamento do agricultor familiar camponês, promovendo uma produção limpa e de boa qualidade, agregando valor ao seu trabalho. Como também serve de incentivo a melhoria na manutenção da qualidade de vida do

consumo consciente e dispersão do ideal agroecológico, fortalecendo a economia regional, atendendo assim aos objetivos iniciais nos quais o evento se propõe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 4ª Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

CAPORAL F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e extensão rural: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável**. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004a.

CAZANE, A. L.; MACHADO, J. G. C. F.. **Análise das feiras livres de Tupã-SP a partir do comportamento do consumidor de FLV**. 2010. Apresentação de Trabalho/Congresso. Disponível em: <https://docplayer.com.br/5632722-Analise-das-feiras-livres-de-tupa-sp-a-partir-do-comportamento-do-consumidor-de-flv.html>. Acessado em 29 jan. 2021.

FAO lança novo programa que prevê sete áreas prioritárias de resposta e recuperação à COVID-19. **Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura**, 2020. Disponível em: <http://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/pt/c/1300324/>. Acesso em: 27 jan. 2021.

KARAN, K.F.; ZOLDAN, P.. **Comercialização e consumo de produtos agroecológicos: região da grande Florianópolis**. Florianópolis: Instituto CEPA/SC, 2003. 51p.

LEFF, E. Agroecologia e saber ambiental. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p.36-51, jan./mar. 2002.

LUTZENBERGER, José A. O absurdo da agricultura. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 15, n. 43, p. 61-74, dez. 2001. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000300007&lng=pt&nrm=iso. Acessado em 29 jan. 2021.

MALUF, R. S. **Produtos agroalimentares, agricultura multifuncional e desenvolvimento territorial no Brasil**. In: MOREIRA, R. J.; COSTA, L. F. C. (Org.). **Mundo rural e cultura**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. p. 241-261.

NUNES, S. P. **O desenvolvimento da agricultura brasileira e mundial e a idéia de Desenvolvimento Rural**. Boletim Eletrônico do DESER – Departamento de Estudos Socio-Econômicos Rurais, n. 157, p. 5-17, mar. 2007. Disponível em: <https://docplayer.com.br/6272442-O-desenvolvimento-da-agricultura-brasileira-e-mundial-e-a-ideia-de-desenvolvimento-rural-1-sidemar-presotto-nunes.html> Acessado em 19 jan. 2021.

SOUSA, H. C. et al. **Feira agroecológica da UNILAB: criação de um espaço didático com troca de saberes**. In: XI CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, v. 15, n 2 (2020): *Anais...*, São Cristóvão, Sergipe. Disponível em: <http://cadernos.aba-agroecologia.org.br/index.php/cadernos/article/view/3252/4047> Acessado em 29 jan. 2021.